


---

## Ideias de Anísio Teixeira sobre educação e cultura em jornais do Alto Sertão da Bahia, na primeira metade do século XX<sup>1</sup>

Francielly Keyse Martins Fernandes<sup>2</sup>

 0000-0002-6773-0935

Joseni Pereira Meira Reis<sup>3</sup>

 0000-0003-3147-8106

### Resumo

O objetivo do estudo foi mapear ideias sobre educação e cultura defendidas por Anísio Teixeira e divulgadas no jornal *A Penna*, em Caetité, BA, no início do século XX. Tomou-se o impresso como fonte de busca e objeto de investigação, para uma pesquisa histórica e fundamentada – teórica e metodologicamente – na cultura escrita e na história da educação. Os resultados evidenciaram como Teixeira, desde a infância, já se destacava na escola e nos textos publicados no impresso *O Bem-ti-vi*, do qual era um dos redatores. No jornal *A Penna*, identificaram-se, ainda, as mudanças ocorridas com o educador, que passou de defensor da estreita relação entre a Igreja Católica e a escola no processo educativo a opositor do pragmatismo dos jesuítas em detrimento do pragmatismo liberal do filósofo John Dewey.

*Palavras-chave:* Anísio Teixeira; Educação; Cultura; Alto Sertão da Bahia; Século XX.

---

## Anísio Teixeira's ideas about education and culture in newspapers from Alto Sertão da Bahia, in the first half of the 20th century

### Abstract

This study aimed to map ideas about education and culture defended by Anísio Teixeira that were published in the newspaper *A Penna*, in Caetité – State of Bahia, in the first decades of the 20th century. We take the printed matter as one of the main sources of research and, also, as an object of investigation, conditions that characterize the research as historical and grounded, theoretically and methodologically, in the written culture and in the history of education. The research results showed how Anísio, since childhood, already stood out in school and in writing texts for publication in the printed *O Bem-ti-vi*, in which he was one of the editors. In the newspaper *A Penna*, it was also possible to identify the changes that occurred with the educator, who went from being a defender of the close relationship between the Catholic Church and the school in the educational process to opposing the pragmatism of the Jesuits to the detriment of the liberal pragmatism of the North American philosopher John Dewey.

*Keywords:* Anísio Teixeira; Education; Culture; Alto Sertão da Bahia; 20th century.

---

<sup>1</sup> Este estudo é resultado de uma Pesquisa de Iniciação Científica realizada durante os anos de 2020-2021, com bolsa do PICIM/UNEB.

<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia – Campus XII, Guanambi, franciellykeyse@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade do Estado da Bahia – Campus XII, Guanambi, jpreis@uneb.br

## Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica que buscou investigar, na imprensa periódica de Caetité, BA<sup>4</sup>, a presença das ideias de Anísio Teixeira sobre educação e cultura na primeira metade do século XX – por ser o período de circulação do jornal *A Penna* (1897-1946), no qual buscamos, também, mapear, além das próprias contribuições de Anísio, outros pensamentos que se aproximavam daquilo que ele defendia na educação. A partir desses dados, a pesquisa relaciona algumas informações do Jornal com o que foi pensado e desenvolvido pelo educador na sua trajetória como defensor da educação pública.

Os estudos realizados no âmbito da história cultural e da história da educação nortearam histórica e metodologicamente a pesquisa (CHARTIER, 2001, 2002; GALVÃO, 2010; GALVÃO *et al.*, 2007). Desse modo, são fontes principais deste estudo o jornal *A Penna*, que se encontra no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC) – instituição cuja função é preservar documentos textuais e iconográficos da cidade e da região –, e algumas produções acadêmicas que abordam as ideias e os aspectos relevantes acerca da vida e da obra do educador Anísio Teixeira. O jornal *A Penna* foi criado em Caetité por João Antônio dos Santos Gumes<sup>5</sup>, e cada exemplar tinha de quatro a seis páginas. O impresso abordava tanto questões relativas à cidade quanto questões em nível estadual, nacional e internacional, com textos que informavam e discutiam sobre economia, saúde, política, sociedade, educação e cultura. O Jornal foi utilizado, neste trabalho, como fonte e objeto de investigação. Como fonte, o impresso permitiu encontrar as informações relevantes ao objetivo da pesquisa, ou seja, mapear as ideias de Teixeira sobre educação e cultura; e como objeto de investigação, foi analisado como meio de comunicação que cumpria o papel de informar os leitores e difundir ideais. O acesso ao impresso se deu por meio das idas ao APMC, onde está digitalizado e armazenado em discos

---

<sup>4</sup> O município está localizado no Sudoeste do estado, região designada de “Sertão produtivo”. Nas pesquisas históricas, entretanto, tem-se mantido a utilização da expressão “Alto Sertão da Bahia”. A cidade de Caetité fica a 757 quilômetros da capital do estado.

<sup>5</sup> João Antônio dos Santos Gumes (1858-1930), natural de Caetité, foi mestre-escola, arquiteto, músico, tipógrafo, desenhista, dramaturgo, tradutor, escritor, jornalista e advogado provisionado. Sobre sua trajetória, ver Reis (2010).

compactos (CD) – é possível acessá-lo apenas no próprio local, por meio dos computadores ali disponíveis.

A pesquisa permitiu identificar e compreender de que maneira o jornal *A Penna* foi utilizado como um propagador das ideias anisianas sobre educação escolar, artes e ciências, visto que publicava textos escritos pelo próprio Teixeira e, também, pelo redator do impresso, que partilhava dos mesmos ideais do educador. Essas ideias circulavam tanto na região do Alto Sertão Baiano como em outras regiões do país. Embora existam diversos estudos no campo da História da Educação que abordam a imprensa periódica como veículo de repercussão das propostas educacionais de Anísio, eles, geralmente, tratam de impressos de ampla circulação nacional, localizados na região Sudeste, no eixo Rio-São Paulo (SPAGNA; SILVA, 2020). Neste estudo, o enfoque é dado a um impresso do sertão baiano, produzido em Caetité, cidade natal de Teixeira.

Os estudos de Teixeira e Sousa (2018) e Fernandes e Reis (2021) evidenciam a dimensão educativa do jornal *A Penna*, que, pautado nos referenciais de desenvolvimento e escolarização em curso no Brasil, buscava não apenas informar, mas formar a população. Nesse sentido, para melhor compreensão desse espaço regional do qual estamos tratando, questionamos: quais atividades movimentavam a economia da cidade de Caetité e região? E quais eram as condições sociais da população nas primeiras décadas do século XX?

Segundo Santos (2014, p. 26), a região do Alto Sertão da Bahia, nas décadas finais do século XIX e nas iniciais do século XX, não se limitou apenas à produção agrícola para a subsistência local, mas fez parte, também, do circuito nacional e internacional, ao produzir atividades econômicas vinculadas ao setor primário e ao comércio: “O setor de subsistência da economia do alto sertão destinou-se a abastecer o mercado interno de bens de consumo, integrou-se ao setor de exportação, em atividades da agricultura, pecuária e mineração”. Nesse processo produtivo, fazendeiros, lavradores, comerciantes, entre outros, dão vida a uma complexa rede de relações estruturadas no cotidiano desses sujeitos. Em período anterior, a região utilizou, de forma intensa, a mão de obra escravizada, condição que marcou sobremaneira a sociedade caetiteense (CARNEIRO, 2021).

Caetité, no início do século XX, era um dos núcleos urbanos mais desenvolvidos do Alto Sertão, e era constituída por várias instâncias escolares (Colégio Jesuíta, Escola Normal, Escola Americana) e não-escolares (Tipografia, jornal *A Penna*, Sociedade dramática, Igreja Presbiteriana, sede de bispado, bibliotecas, teatro, Centro Espírita) que possibilitavam a circulação de materiais escritos em diferentes suportes. Essas condições configuravam certa distinção para a cidade, que ficou conhecida entre viajantes e memorialistas locais como a “princesa do sertão baiano” (SANTOS, 1997).

### **O jovem Anísio Teixeira: trajetória educativa**

Anísio Spínola Teixeira nasceu no dia 12 de julho de 1900, em Caetité, Bahia. Tanto seu pai quanto sua mãe eram descendentes de famílias de elevado poder aquisitivo, vinculadas à produção de minérios e ao domínio dos latifúndios agrícolas, e exerciam poder político na região (REIS, 2010). Em 1913, o *A Penna* menciona a escolarização de Anísio, que nessa época iniciava o curso ginásial no Instituto São Luiz Gonzaga de Caetité, implantado na cidade pelos padres jesuítas. No impresso, o redator Gumes, além de destacar e aprovar os métodos pedagógicos adotados pela instituição, registrava o desempenho dos alunos em exames e premiações – sobre Anísio, havia comentários que evidenciavam a sua inteligência e dedicação aos estudos. Em dezembro de 1913, o jornal expôs o resultado geral dos exames finais do 1.º ano do curso ginásial e ponderou sobre Anísio Teixeira: “Anísio Spinola Teixeira, aprovado e distinto com louvor, obtendo as mais altas classificações em todas as matérias” (GUMES, 1913, p. 7).

Assim, é possível inferir que o futuro educador já demonstrava desde a infância disposição tanto para os estudos quanto para a participação nos eventos da escola. De acordo com as informações contidas no jornal *A Penna*, é perceptível que Anísio não se contentava em ser apenas ouvinte nas solenidades e premiações do colégio; seu desejo era sempre participar de forma ativa – Gumes (1914, p. 1) ilustra adequadamente essa particularidade:

O interessante e symphatico alumno Anisio Teixeira anunciou o programa da tribuna seguindo-se o hymno do Instituto cantado pelos alumnos sob a regencia do Rvmo. Padre Monteiro e acompanhado por orquestra. Após, o mesmo alumno Anísio Teixeira leu belissimamente uma extensa e bem elaborada locução, na qual eram conttidos os mais bellos conceitos sobre a instrucção e a educação da mocidade, um bem do futuro da nossa Patria, sendo entusiastamente applaudido.

No fragmento (GUMES, 1914), notamos que o intelectual começou, ainda jovem, a identificar-se com as questões educacionais, procurou entender e proclamar o seu significado e a sua importância para formação da mocidade – considerada na época a chave para o progresso da pátria<sup>6</sup>. O discurso proferido por Anísio implica pensar que, possivelmente, ele já acreditava na educação como uma das principais vias capazes de promover o progresso e transformar os sujeitos.

Anísio Teixeira recebeu influências da filosofia jesuíta, que valorizava amplamente a honradez, a seriedade e a moral, o que possivelmente o levou, já em sua mocidade, a desenvolver atividades que exigiam uma certa maturidade. De acordo com Carneiro (2021), Teixeira e seu sobrinho Mário Lima fundaram em 1912 – quando ambos estavam no início da adolescência, Anísio com 12 e Mário com 13 anos de idade – o jornal *O Bem-ti-vi*<sup>7</sup>. Segundo a autora, o jornal abordava diversos conteúdos, mas alguns com mais destaque e recorrência, como notícias referentes a Caetité e região, educação, patriotismo, virtudes e progresso. Apesar de não termos informações sobre se esses jovens recebiam orientações de algum adulto para a elaboração dos textos, consideramos que o trabalho realizado por eles foi uma iniciativa de destaque, pois tão precocemente dispunham de conhecimentos e estudavam temáticas complexas. Contudo, precisamos relativizar sua disposição individual e pensá-los na perspectiva de “herdeiros” (BOURDIEU, 2014), por serem provenientes de famílias de alto poder econômico e prestígio político e social, que se destacavam pelo elevado capital cultural. Portanto, esses

---

<sup>6</sup> Essas ideias faziam parte de um movimento conhecido na época, no Brasil, como “otimismo pedagógico”, que defendia, entre outros aspectos, o funcionamento e a qualidade dos sistemas de ensino. Sobre essa questão, ver Nagle (1974).

<sup>7</sup> Publicação quinzenal que circulou entre 1912 e 1914 impressa na tipografia de *A Penna*, cujos redatores eram Mário Teixeira Rodrigues Lima e Anísio Teixeira (CARNEIRO, 2021).

jovens, desde a infância, já recebiam uma educação que os preparava para ocuparem os cargos de chefia e mando.

É importante observar a participação significativa de Anísio Teixeira na cultura escrita<sup>8</sup> e nas diversas formas de manifestação dessa cultura, sobretudo no que diz respeito à leitura, à prática discursiva e à produção do impresso e do manuscrito. Conforme destaca Carneiro (2021), essa participação inicia-se na infância no convívio com os familiares, especialmente com as irmãs mais velhas, responsáveis pelo seu aprendizado da leitura e da escrita. Teixeira teve a possibilidade de estar em contato com diferentes manifestações da escrita, da leitura e das variadas expressões da cultura, e de explorá-las, o que enriquecia e ampliava o seu repertório de informações, ideias e conceitos sobre várias questões.

Isso reforça a perspectiva de que Anísio, além de vivenciar as experiências lúdicas que normalmente eram próprias da sua faixa etária, dedicava-se à intelectualidade. Certamente, essas condições repercutiram em sua trajetória acadêmica e profissional. Segundo Nunes (2000), Anísio saiu de Caetité em 1914, aos 14 anos de idade, para dar continuidade aos estudos no Colégio Antônio Vieira, em Salvador, instituição que pertencia, também, à ordem jesuíta. No ano de 1922 concluiu o curso de Direito pela Universidade do Rio de Janeiro e em 1924 tornou-se Diretor Geral de Instrução do estado da Bahia, o que atualmente corresponde ao cargo de Secretário Estadual de Educação.

### **Ideais educacionais de Anísio nas páginas do jornal *A Penna***

No Brasil, a partir de meados do século XIX e início do século XX, os jornais cumpriram um relevante papel educativo ao divulgar e fazer circularem ideias de cunho formativo para a população (PALLARES-BURKE, 1998). Essa prática também esteve presente em Caetité. Era comum – no jornal *A Penna*, por exemplo – a presença de matérias que abordavam as normas de comportamento e higiene a serem seguidas pela população, as comemorações e as

---

<sup>8</sup> O conceito de cultura escrita é pensado na dimensão antropológica, ou seja, como produto da atividade humana, resultado das interações da vida material e simbólica. Nas palavras de Galvão (2010, p. 218), cultura escrita “[...] é o lugar que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade”.

principais datas cívicas e religiosas na cidade, conforme mencionado pelos estudos que utilizaram o jornal como fonte. No contexto brasileiro, a utilização da imprensa escrita – para trazer ao debate temas específicos da educação – foi uma “estratégia de difusão do pensamento escolanovista” (VIDAL, 2007, p. 513).

Percebemos, no discurso do redator João Gumes, especialmente nas notícias sobre as datas comemorativas, que existiam valores ideológicos a serem difundidos na comunidade, pois ele destacava o significado simbólico expresso em tais datas – o que servia, inclusive, para informar a população sobre compreensão de política, sociedade e civismo, entre outros conceitos. O 2 de julho<sup>9</sup>, por exemplo, desde a sua instituição em 1823, tornou-se um dia relevante para os baianos, especialmente os caetiteenses, que publicavam no jornal matérias exaltando a data. No ano de 1923, ela assumiu um caráter ainda mais celebrativo, em função do centenário da independência política do Brasil na Bahia. Conforme observamos na Figura 1, a notícia foi reportagem de capa no jornal *A Penna*.

---

<sup>9</sup> Em 2 de julho de 1823 ocorreu a independência do Brasil na Bahia. Além da capital do estado, Salvador, algumas cidades, como Caetité, enviaram reforços para lutar ao lado dos aliados na expulsão dos portugueses que resistiam em não reconhecer a independência do Brasil. Sobre essa questão, ver Tavares (1977).



Figura 1 – Matéria sobre o dia 2 de julho de 1923  
Fonte: Gumes (1923, p. 1)

Destacamos o seguinte trecho do artigo de Gumes (1923, p. 1), que expõe o que representava esse dia para a história da Bahia:

O 2 de Julho é uma data nacional, porque foi nesse dia que se integrou o Brasil como Estado livre, cabendo à Bahia essa integração à custa do sangue generoso de seus filhos, dos heróis lendários que assumiram as proporções de titans em frente do valeroso e tyrannico dominador.

São visíveis, nesse trecho, o valor e a importância conferidos às pessoas que lutaram pelo efetivo reconhecimento da independência do Brasil na Bahia e contribuíram para que ele fosse possível, atitudes consideradas heroicas e dignas de orgulho para sua população. Essa menção é mais um indício do quão enaltecida era a postura do sujeito que praticava ações em benefício da sua nação (GUMES, 1923).

Nessa mesma edição do *A Penna*, publicou-se um extenso artigo elaborado por Teixeira (1923), no qual estão presentes importantes considerações a respeito do que ele defendia e



entendia, na época, como a formação da nacionalidade. Ele critica as influências da civilização europeia na cultura brasileira e questiona a falta de “sentido brasileiro” na formação cultural do país:

A civilização realiza um trabalho de destruição vertiginosa. Passa pelo Brasil como o fogo das queimadas sobre as nossas florestas. Tudo que nos é próprio, característico e original é preterido e abandonado. A cultura oficial, por outro lado, trabalha na mesma obra de desenraizamento da planta brasileira. As classes que deveriam dirigir o país sofrem nas escolas e academias a demorada operação de transplante do Brasil para um país ideal de cultura universalista, sem ligações com a terra, sem afinidades com a raça. Falta o sentido brasileiro em nossa cultura. (TEIXEIRA, 1923, p. 1)

O comentário de Teixeira (1923) naquele 2 de julho de 1923 permite a compreensão de que ele pretendia alertar a população a conservar características – como, por exemplo, os costumes e os valores brasileiros – de acordo com o modelo dos sujeitos que, por valorizarem o pertencimento à terra, tinham participado ativamente da luta pela independência da Bahia. O educador, então, deixa implícito que, sem a conservação da cultura brasileira, o país perde o seu sentido e a sua identidade. Anísio escreveu esse texto antes de assumir o cargo de Diretor Geral de Instrução e de estudar de forma mais aprofundada as questões educacionais. Portanto, veremos que suas concepções passaram por transformações ao longo dos anos.

No artigo, Teixeira (1923) demonstra uma visão do Brasil como um lugar dotado de simplicidade, popularidade e pluralidade. No entanto, revela que ficava insatisfeito com relação ao fato de o país começar a apresentar marcas advindas do cosmopolitismo, isto é, das relações internacionais que cada vez mais se intensificavam. Na perspectiva dele, a população deveria conscientizar-se para impedir que o país sofresse uma espécie de “desculturalização”:

O Brasil depois de cem anos de independência e agora a Bahia, o que têm feito para isto? Nas nações, como nos homens, todo aperfeiçoamento resulta afinal no esforço de sermos cada vez mais nós mesmos, de conservarmos sempre as nossas convicções, a nossa vocação, o nosso ideal. O Brasil tem progredido imensamente. A Bahia, também, tem caminhado muito nos últimos cem anos. A onda parte do litoral e depois de bordar as nossas praias de centros consideravelmente adiantados, penetra pelo interior, que floresce,

aqui e alli, em risonhas e pequeninas cidades, cheias do brilho e da graça modernos. A industria prospéra. O commercio alarga-se. Mas, será pessimismo dizer que o progresso é quasi exclusivamente material! O progresso moral, a consciencia da nacionalidade, o sentimento, dia a dia, mais vivo da patria, estes pouco têm adiantado. [...] Nacionalismo não é doutrina, nem é partido, é o grito da terra, que nos defende de uma desnacionalização imminente, para onde nos arrastavam, alem das causas que ja apontamos, as correntes migratorias estrangeiras. O seu trabalho consiste em crear em cada um de nós a consciencia da nacionalidade, ensinando-nos a viver e pensar brasileiroamente. (TEIXEIRA, 1923, p. 1)

No fragmento anterior, Teixeira (1923, p. 1) chama atenção para algumas condições de “crear [...] consciência da nacionalidade” e ensinar “a viver e pensar brasileiroamente”. Essas condições constituíam-se princípios fundamentais para o progresso moral do país na concepção dele. Para o educador, não bastava o crescimento das indústrias, do comércio e das cidades se não houvesse a valorização da pátria e a compreensão do seu sentido. Era necessário, além do progresso material, o progresso moral; e, para alcançá-lo, os sujeitos deveriam deixar-se educar pelo nacionalismo, visto por Anísio como algo que tinha um importante ensinamento a transmitir, o pensar de forma brasileira. Naquele momento, sua visão não estava atrelada a partidos políticos, mas, sim, ao seu entendimento e às suas percepções acerca da realidade.

Como aponta Carneiro (2021), a educação de Anísio foi influenciada consideravelmente pelo catolicismo, presente tanto no seio familiar quanto nas instituições educacionais que ele frequentou. Por esse motivo, o intelectual, em um determinado período, seguia firmemente a religião católica e defendia os valores que esta impunha. Ele expõe os segmentos que considerava como principais bases para a formação culta e moral dos sujeitos:

Creio, que só a Igreja e a escola poderão despertar o paiz deste marasmo, para uma vida brasileira e nacional, em que a raça floresça em exemplos de nobre heroicidade. A Igreja, depositando no coração infantil a verdade moral e religiosa, a noção da fraternidade christã e a compreensão do grandioso sentido da vida, inspirando-lhe deste modo um ideal nobre e superior. A escola, uma escola reformada, que despertasse na intelligencia do pequenino brasileiro a curiosidade intellectual, o sentimento da patria, illustrando e guiando a bôa vontade, que o ensinamento catholico fizera germinar. Harmonizadas estas duas poderosas forças educadoras, a creança crescerá n'um ambiente de vibração espiritual e se habituaria a emprehender a grandeza da vida humana. Não perderia o ideal. Saberá que todos temos uma

missão e uma vocação. Veria no Brasil o campo para o seu trabalho. E não compreenderia este trabalho como o méro esforço para a subsistência, mas, como a nobre aplicação da actividade individual para o seu bem e para o bem social. (TEIXEIRA, 1923, p. 1)

O fragmento (TEIXEIRA, 1923) permite visualizar o pensamento educacional de Anísio Teixeira nos anos iniciais da década de 1920. Ele fala, com convicção, que a Igreja e a escola são as únicas forças educadoras capazes de atuar na formação da intelectualidade, na instituição do patriotismo e na postura baseada na moral. Para ele, a Igreja tinha o poder de inspirar as crianças a agirem como Cristo, de fazer com que adotassem, como princípios, a bondade, a dedicação e a obediência; já a escola seria responsável por possibilitar o desenvolvimento intelectual e a criação de competências para o trabalho.

Vemos que, nesse período, Anísio entendia que a união entre a religião católica e a escola era vital para a realização de um trabalho educacional que fosse de qualidade, o que significa que um segmento complementaria o outro e, assim, as crianças teriam a oportunidade de desenvolver-se motivadas pela fé e empenhadas na construção do conhecimento. Outro interessante aspecto a observarmos é a atenção de Anísio Teixeira para com o público infantil. Podemos inferir que o educador acreditava que a mudança e o progresso necessários à pátria só se tornariam possíveis se, desde cedo, as crianças fossem educadas para alcançá-los (TEIXEIRA, 1923). Entretanto, o contato e a proximidade com o pensamento liberal do filósofo americano John Dewey<sup>10</sup> repercutiram sobremaneira na forma como Teixeira passou a conceber filosófica e pedagogicamente a educação. Assim, questionamos: quais as conexões existentes entre o pensamento de Dewey e o de Anísio Teixeira?

### **Conexões entre a obra de John Dewey e as concepções pedagógicas de Anísio Teixeira**

Enquanto estudava e procurava se aperfeiçoar em novas concepções pedagógicas, Anísio foi influenciado por diferentes ideias e pensamentos, o que fez com que ele,

---

<sup>10</sup> John Dewey (1859-1952) nasceu em Burlington, Vermont, Estados Unidos – “Foi um pedagogo e filósofo norte-americano que exerceu grande influência no movimento de renovação da educação em várias partes do mundo. No Brasil, inspirou o movimento da Escola Nova [...]” (JOHN DEWEY, 2023).

posteriormente, se opusesse a alguns ideais do catolicismo. De acordo com Nunes (2000, p. 10), o educador teve a oportunidade de realizar várias viagens, inclusive a outros países, como os Estados Unidos, onde, em 1928, entrou em contato com a obra do filósofo americano John Dewey, “[...] que marcou decisivamente sua trajetória intelectual” no que diz respeito à educação. Segundo a autora, quando Anísio optou pela carreira educacional em 1920, o Brasil ainda não tinha estrutura para dar suporte à profissão de educador, o que a tornava incerta naquela época. Então, seu objetivo era justamente trabalhar no crescimento dessa área no país e atribuir a ela conteúdo e significado. Nesse sentido, o contato e a conexão com as ideias de Dewey foram alguns dos fatores que contribuíram nesse processo.

Consequentemente, o pensamento de Dewey teve um papel relevante na modificação da relação de Anísio com a Igreja Católica. No trecho a seguir, percebemos o significado que a obra do filósofo assumiu para o educador:

Do ponto de vista psicológico, Dewey foi uma resposta a Anísio, no momento em que seus velhos valores e seguranças, inspirados na religião católica e abraçados com arrebatamento, ruíram. Foi também a possibilidade de unificação entre o sentimento e o intelecto, entre o sagrado e o secular, que o catolicismo nunca lhe proporcionara. (NUNES, 2000, p. 24)

Notamos a considerável influência do pensamento de Dewey nos posicionamentos ideológicos que Teixeira passou a adotar. Nunes (2000) afirma que as ideias de Dewey são um marco na vida de Anísio, pois acirram o seu rompimento com o ideário católico jesuíta. O novo referencial filosófico foi determinante nas novas visões sobre valores, atitudes, sentimentos, política, educação, entre outros fatores. No entanto, a autora destaca que, apesar de fazer a opção pelo pragmático científico em detrimento da religião, “Dewey permitiu a Anísio manter sua fé religiosa, mesmo abraçando a Ciência e criticando a Igreja enquanto instituição histórica e organização política” (NUNES, 2000, p. 24). Nesse sentido, podemos dizer que Anísio não deixou de acreditar em Deus nem nos valores do cristianismo, porém já não considerava mais a Igreja como a única força educadora.

A obra de John Dewey tornou-se, para Teixeira, uma importante fonte de estudo e pesquisa sobre educação, e possibilitou que ele adquirisse novas visões acerca de questões sociais e políticas, como destaca Nunes (2000, p. 14):

A leitura de John Dewey, iniciada durante a década de 1920, proporcionou a Anísio Teixeira a possibilidade de construir um novo significado existencial, de encontrar resposta programática para as questões educacionais com as quais estava lidando e de elaborar uma síntese para uma nova visão de mundo.

O pensamento de Dewey pode ser concebido, então, como “o que faltava” para Anísio Teixeira desenvolver um trabalho pela educação no sentido de criar, inovar e promover mudanças no sistema educacional brasileiro. O educador não simplesmente reproduziu os ideais de Dewey e concordou irrefletidamente com todos eles – Anísio soube analisá-los e aliá-los às suas ideias. Destacamos, ainda, entre outros fatores, que a “[...] concepção deweyana de democracia e mudança social está centrada na criança” (NUNES, 2000, p. 27), e, como já percebemos neste estudo, a educação do público infantil era um dos focos da atenção de Anísio. Nesse sentido, vemos uma aproximação do pensamento do educador com o de Dewey, no qual, possivelmente, Teixeira encontrou o sentido que precisava para fundamentar suas ideias sobre a educação das crianças.

Em uma matéria do *A Penna* (GUMES, 1928c), mostrada na Figura 2, o redator noticia a vinda de Anísio Teixeira da capital para Caetité – com objetivo principal de inspecionar a Escola Normal.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> A reabertura da Escola Normal de Caetité, fechada em 1904 por questões políticas, foi viabilizada por Anísio quando era Diretor Geral de Instrução. Inaugurada em 21 de abril de 1926, passou a ser reconhecida como a primeira escola normal oficial do interior da Bahia (AGUIAR, 2011, p. 11).

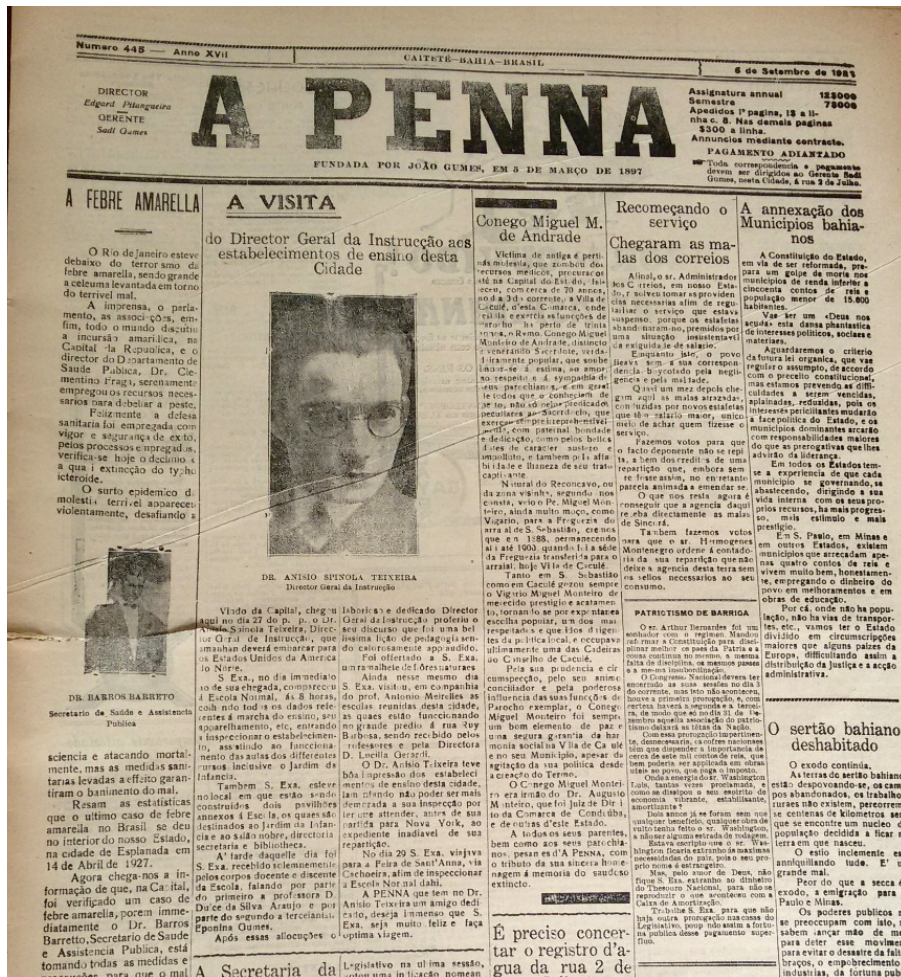


Figura 2 – Matéria que noticiou uma visita de Anísio Teixeira à Escola Normal de Caetité  
Fonte: Gumes (1928c, p. 1)

Gumes (1928c, p. 1) descreve como ocorreu o trabalho de inspeção realizado pelo Diretor Geral de Instrução:

S. Exa. [Anísio Teixeira], no dia imediato de sua chegada, compareceu á Escola Normal, às 8 horas, colhendo todos os dados referentes á marcha do ensino, seu aparelhamento, etc, entrando a inspecionar o estabelecimento, assistindo ao funcionamento das aulas dos diferentes cursos inclusive o Jardim de Infancia. Também S. Exa. esteve no local que estão sendo construídos dois pavilhões anexos á Escola, os quaes são destinados ao Jardim da Infancia e ao salão nobre, directoria secretaria e bibliotheca.

Anísio Teixeira exerce, de fato, o papel de inspetor da educação pública, visto que a sua função era verificar se a escola estava funcionando adequadamente e proporcionando aos

alunos um ensino de qualidade, sem descuidar dos aspectos físicos da instituição. Podemos observar, também, menções a respeito do Jardim de Infância, um setor que chamava a atenção do educador e que, posteriormente, iria contar com seu próprio pavilhão (GUMES, 1928c). Conforme mencionamos, Anísio demonstrava em suas ações preocupação com a educação e a formação das crianças. Então, possivelmente, a construção do espaço para o Jardim da Infância era iniciativa sua, pois fazia parte do ideário educacional por ele proposto.

No trabalho de Nunes (2000), fica evidente que as crianças, sobretudo as de classes populares, eram o foco do intelectual, que buscava garantir que todas tivessem acesso à educação. Nas palavras da autora, notamos como Anísio almejava a estruturação da escola tanto no aspecto físico quanto no pedagógico e o ingresso e a permanência das crianças nesse espaço:

Anísio Teixeira concebeu a escola como um espaço real no qual a criança do povo pudesse praticar uma vida melhor: livros, revistas, estudo, recreação, saúde, professores bem preparados, ciência, arte, clareza de percepção e crítica, tenacidade de propósitos. Tanto nos anos 30, no Rio de Janeiro, como nos anos 50, em Salvador, ainda que pesem as diferenças de região e de momento histórico, Anísio Teixeira preocupou-se com a elaboração de um plano de edificações escolares que permitisse não apenas a ampliação do número de matrículas, mas que também levasse em conta o projeto pedagógico voltado para o aluno na escola. (NUNES, 2000, p. 12)

É interessante observar que Anísio Teixeira vê a escola como uma oportunidade de as crianças mais pobres permanecerem um tempo distantes das dificuldades que enfrentam, em um ambiente mais amplo e adequado para os estudos; terem momentos de lazer; praticarem a leitura; e produzirem arte, além de contarem com um suporte nas necessidades relativas à sua saúde (NUNES, 2000). A seguir, veremos o trecho de um discurso do educador que foi publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Teixeira (1954, p. 19-20, grifo do autor) expõe que a educação deve ocorrer dentro das condições adequadas:

A educação se faz, assim, necessidade perfeitamente relativa, sem nenhum caráter de bem absoluto, sendo boa quando eficiente, adequada e devidamente distribuída. Dêste jeito, já não nos convém qualquer educação

dada de qualquer modo [...] A educação escolar tem de ser uma *determinada educação*, dada em condições capazes de torná-la um êxito, e a serviço das necessidades individuais dos alunos em face das oportunidades do trabalho na sociedade.

Na fala de Anísio, compreende-se que o educador prezava, sobretudo, a qualidade da escola, não apenas no que se refere à estrutura física, mas também à organização das práticas educacionais para promover a aprendizagem dos alunos (TEIXEIRA, 1954).

Na Escola Normal de Caetité, o pavilhão do Jardim de Infância foi inaugurado na ocasião da comemoração da Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1928. Como destaca Gumes (1928a), era um costume da escola homenagear as datas nacionais, por entender que elas representavam importantes fatos da história do país. Mas não vamos aqui adentrar no mérito dessa discussão, ou nos interesses políticos e ideológicos que contribuíram para a instituição das datas cívicas no Brasil. Sobre o momento da inauguração do novo prédio escolar, Gumes (1928a, p. 1) comenta:

O novo edificio que corresponde perfeitamente às actuaes exigencias hygienicas e pedagogicas, foi benzido por S. Excia. Rvma. D. Juvencio Britto, illustre Bispo Diocesano, sendo em seguida pronunciado pelo director da Escola um discurso, dando por inaugurado o novo pavilhão, em nome do Director Geral de Instrucção, enaltecendo a administração do Estado por mais esse beneficio ao povo sertanejo. Depois os quarenta alumnos do Jardim da Infancia, por entre as alegrias saltitantes de sua idade, entoaram hymnos e deram uma prova de que está sendo outro o nosso systema educativo.

Quando Gumes (1928a) menciona as “atuais exigências higiênicas”, provavelmente está se referindo à temática abordada no IV Congresso Brasileiro de Higiene, ocorrido na Bahia em janeiro de 1928 – noticiado pelo jornal *A Penna* para informar a população sobre o trabalho que ali acontecia para discutir as questões higienistas e buscar saídas para solucionar, ou ao menos amenizar, os problemas de saúde do país. Nesse sentido, o redator destacou que, durante o Congresso, muito se discutiu acerca do papel do professor primário na promoção de



uma educação sanitária que estimulasse as crianças, desde cedo, a praticarem a higiene<sup>12</sup>. Portanto, nesse período, essa era uma questão que mobilizava as discussões no cenário escolar do Brasil.

Ainda sobre o pavilhão, este atendia também às necessidades pedagógicas, e, sobre elas, podemos questionar: quais eram? Seriam essas necessidades relativas ao público do Jardim de Infância? Ao implementar essas mudanças na educação pública no estado – considerando as especificidades inerentes a esse público e o seu processo de construção do conhecimento –, Anísio realiza a reforma do ensino, condição que lhe permitiu, posteriormente, nos anos 1930, participar do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova<sup>13</sup>.

Nunes (2000) conta que em 1946 Anísio Teixeira passou a ser Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, e permaneceu no cargo até o início da década de 1950. A autora diz que uma das principais iniciativas do educador nessa função foi a construção do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, BA, inaugurado em setembro de 1950. Vejamos uma parte do discurso feito por Teixeira (1959, p. 79) no momento da inauguração:

Desejamos dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe os seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive.

Apesar da distância temporal que separa a inauguração do pavilhão destinado ao Jardim de Infância na Escola Normal de Caetité (1928) e a do Centro Educacional Carneiro Ribeiro

---

<sup>12</sup> O movimento higienista começou, no Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX. Tinha entre suas propostas “[...] a defesa da saúde, da educação pública e o ensino de novos hábitos higiênicos pela medicina social. Seus defensores diziam que a população saudável e educada é a maior riqueza de um país” (GÓIS JUNIOR; LOVISOLO, 2003 *apud* MILAGRES; SILVA; KOWALSKY, 2018, p. 162).

<sup>13</sup> O Manifesto, publicado em 1932, foi elaborado por Fernando de Azevedo e assinado por 26 educadores, entre eles, Anísio Teixeira. Segundo Romanelli (1986, p. 146), “[...] o documento surge com uma convicção abertamente definida da necessidade de se construir e aplicar um programa de reconstrução educacional de âmbito nacional”.

(1950), é possível perceber que Anísio, de fato, teve atenção à educação das crianças, e permaneceu com essa preocupação durante sua trajetória profissional. Entretanto, destacamos que esse era um dos pontos do movimento escolanovista, visto que “[...] a escola renovada pretendia a incorporação de toda a população infantil” (VIDAL, 2007, p. 498). No trecho citado anteriormente, Teixeira (1959) celebra a abertura de um centro educacional pensado para renovar a escola primária, com um maior período de curso; um currículo mais completo que contemplasse as dimensões intelectual, humanística e artística; e condições de dar suporte às necessidades básicas da criança, como alimentação e saúde. Segundo o educador, a partir da década de 1930, a escola primária passou por um processo de simplificação e perdeu a sua qualidade – por isso, a construção do Centro Educacional representava, para ele, um avanço significativo na educação.

Ao noticiar a inauguração do pavilhão do Jardim de Infância na Escola Normal de Caetité, Gumes (1928a) dá evidências de que as propostas do sistema educacional executadas por Anísio Teixeira eram satisfatórias e representavam um avanço para a população sertaneja, o que significa que Anísio, em seu cargo, executava o trabalho que visava atingir as tão desejadas qualidade e ampliação da educação no estado. Conforme destacou Nunes (2000, p. 152), para Dewey, a concepção de democracia e mudança social está centrada na criança, e, por isso, ele entende a relevância da função social da educação como um meio “[...] pelo qual os indivíduos desenvolvem interesse pessoal nas relações sociais, na sua direção e na formação de hábitos que permitam mudanças sem o ocasionamento de desordens”.

Em março de 1928, Gumes (1928d) noticia que viria da capital para lecionar na Escola Normal de Caetité uma professora de música – nomeada por decreto do Governo do Estado, cujo Secretário de Educação era, então, Anísio Teixeira –, o que evidencia a presença da arte no currículo da instituição. Como Secretário de Educação, Anísio valorizava, de maneira especial, o ensino de música na escola, o que notamos na sua fala, em 1932, na posse do maestro e compositor Heitor Villa-Lobos no setor de educação musical das escolas públicas do Rio de Janeiro, cidade na qual Anísio Teixeira atuava como Diretor da Instrução Pública:

Nem um só momento perdi de vista o que significava, para a educação musical das crianças da Capital do Brasil, contar com o poder de criação e de inspiração de um dos maiores gênios musicais não só do Brasil mas de tôdas as Américas. De tudo que estávamos tentando, no antigo Distrito Federal, nada me parecia mais importante do que essa integração da arte na educação popular. E de tôdas as formas de arte, nenhuma me parecia mais própria do que a da música. (TEIXEIRA, 1961, p. 186)

Considerando a viabilização, mediante os esforços de Anísio, do ensino de música na Escola Normal de Caetité e, posteriormente, nas escolas do Rio de Janeiro, fica evidente que o educador defendia a presença da arte na educação e era a favor de que seu ensino fosse de qualidade, o que podemos perceber com o fato de professores de música conceituados serem convidados para lecionar nessas instituições. No discurso de Teixeira (1961), vemos que a música era, então, um dos gêneros artísticos que chamavam sua atenção, e, por isso, ele se dedicou a incluí-la no currículo escolar. Nesse sentido, compreendemos que ele via possibilidades de educar por meio da expressão e da produção artística, tendo em vista a importância que conferia à arte de modo geral.

O seguinte trecho, retirado de uma matéria do jornal *A Penna*, é relevante no que diz respeito à valorização das produções feitas pelas crianças na Escola Normal de Caetité. Este comentário de Gumes (1928b, p. 4) associa-se com uma crítica que Anísio fez, posteriormente, à educação tradicional:

UMA EXPOSIÇÃO de trabalhos escolares revela um grande adiantamento cultural. Nem todas as pessoas sabem avaliar a grandêsa que encerra um pequenino trabalho manipulado ou confeccionado por mãos infantis, nem sabem mesmo conter uma expressão de desagrado que suscite o objecto mal acabado ou com defeito de proporção; julgam que um menino deve produzir o mesmo que um adulto, que a sua mentalidade é igual á do homem ou á da mulher, já evoluídos; nada perdoam, nada disfarçam, tornam-se exigentes e contrafeitos na critica acerba contra os innocentes escolares, que terão, por esse geito, amanha, uma intelligencia superior á dos criticos de fancaria.

Nessa fala, Gumes (1928b) remete a uma exposição de trabalhos escolares e demonstra um sentimento de indignação diante da falta de sensibilidade de algumas pessoas para com os trabalhos produzidos pelas crianças. O redator repreende as críticas negativas tecidas às

produções infantis, comentários nos quais se cobrava algo que ainda não competia ao nível de desenvolvimento dessas crianças, ou seja, exigia-se uma certa perfeição, um acabamento impecável dos trabalhos. Para o redator, esse ato desconsiderava as características típicas da faixa etária, uma vez que se colocavam, sobre ela, responsabilidades cabíveis aos adultos, sem reconhecer a liberdade e a espontaneidade que são inerentes ao fazer infantil. Aliada a essa questão, a crítica de Teixeira, de acordo com Nunes (2000), revela os malefícios causados às crianças quando se busca, a todo momento, prepará-las para a vida adulta. Anísio compreendia que isso provocava a perda do impulso, pois fazia com que a criança pensasse, talvez até de forma exaustiva, sobre suas atitudes e as consequências que trariam, perdendo a naturalidade que é própria da expressão infantil. Além disso, essa preparação exacerbada para o futuro poderia levá-la a não se preocupar com o presente, a adiar o cumprimento de suas atividades.

Outro interessante aspecto a observarmos na fala de Gumes (1928b) é que ele considerava a exposição de trabalhos escolares “um grande adiantamento cultural”, possivelmente por representar o reconhecimento das produções infantis, ainda mais diante de um contexto de exaltação do adulto e de cobrança por produtividade. A cultura é um elemento relevante na sociedade, pois cumpre o papel de designar os mais diversos modos de agir e se expressar. No entanto, nem todas as pessoas ou grupos sociais têm liberdade, apoio e segurança para, publicamente, assumir sua cultura ou revelar sua subjetividade. Em oposição a isso, encontra-se o pensamento de Anísio Teixeira, cuja

[...] obra sempre ilumina a complexa batalha pela democratização da cultura e da educação, tornando-o um dos educadores que mais encarna nossa tradição pedagógica democratizante, tradição essa que exige a liberação dos preconceitos produzidos pelo temor à autoridade, pelo pensamento apressado, além da arte da palavra como instrumento de argumentação. (NUNES, 2000, p. 21)

Nesse sentido, percebemos que o educador considerava a cultura um direito de todos, de modo que o sujeito pudesse se expressar livremente e também ter contato com outras culturas, sem se preocupar com possíveis repreensões advindas de autoridades presentes na escola e em outros ambientes.

No mesmo comentário sobre a exposição dos trabalhos escolares, Gumes (1928b, p. 4) destaca que

psychologicamente um trabalho manual mal acabado, mal feito, desproporcionado, desbotado nos seus contornos geraes, têm para o educador, para os que vivem estudando a infancia nas suas multiplas e variadas manifestações de vida, um valor inestimavel.

Gumes (1928b) chama a atenção para o sentimento de um professor – e a postura que ele assume – que, de fato, compreende o sentido da educação e as especificidades do desenvolvimento infantil, conforme orientam as teorias psicológicas que tratam dessa fase da vida. Ao ter essa compreensão, o docente passa a atribuir um valor significativo às produções feitas por mãos infantis, considerando, principalmente, o fato de que o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças ainda está em processo de amadurecimento. No processo de ensino-aprendizagem, deve-se destacar a dimensão dos fazeres artísticos e estéticos, como lembra Teixeira (1994, p. 46): “[...] o ensino se tem de fazer pelo trabalho, e não somente pela palavra e pela exposição”.

O comentário de Gumes (1928b) suscita outra questão relevante do pensamento anisiano: a formação de professores. Segundo Nunes (2000), a preparação do professor era uma das preocupações de Anísio Teixeira, uma vez que isso fazia parte da educação de qualidade que ele projetava para a escola pública. O educador trabalhou para criar um sistema educacional em que os professores se sentissem responsáveis pela escola e pela aprendizagem – descartou a concepção de que são apenas funcionários que cumprem ordens. Anísio desejava que os docentes compreendessem que a postura adotada por eles em sala de aula refletia consideravelmente no desempenho dos alunos.

Podemos perceber, então, que o educador era contrário à organização da escola semelhante ao sistema de uma fábrica, “[...] na qual as ordens de serviço seriam emitidas pelos diretores, assistentes, inspetores, até atingirem o professor que executaria fielmente a tarefa” (NUNES, 2000, p. 33). Então, na visão de Anísio, o professor deveria ser um sujeito ativo que despertasse no aluno a vontade de aprender e de construir o seu próprio conhecimento.

Em 1928, o A Penna publica texto que homenageia o diretor da Escola Normal de Caetité, que regressava a Salvador. No texto, a professora Silveira (1928, p. 4) traz importantes conceitos acerca do que significa ser mestre:

Mestre, palavra bem dicta que traduz eloquentemente o sentido completo de uma obra meritoria. Mestre, vocabulo que synthetisa em si proprio as mais doces mystificações do bem e da moral. Ser mestre, é ter na propria vontade o poder sobrenatural de arrancar das trevas do analphabetismo e elevar ás fulgurações scintillantes do saber, todos aquelles que se confiam ao seu zelo. Ser mestre, é ter na frente a aureola branca da victoria, nos labios, o espontaneo sorriso de prazer, no coração, os rasgos de bondade e na consciencia, os gritos altisonantes de justiça. Ser mestre, é ser amigo, mais ainda é ser irmão, ainda mais é ser pae.

Em linguagem poética, Silveira (1928) enfatizou em seu texto a “beleza” e o significado de ser mestre. Na sua concepção, ser mestre é zelar e transformar, e isso quer dizer estar ao lado do aluno e importar-se com ele. Podemos observar que essa representação do “ser mestre” está carregada dos sentidos e valores presentes no país naquele contexto histórico.

Como notamos, o que foi dito por Silveira (1928) assemelha-se, em alguns aspectos, com a concepção de Anísio Teixeira sobre o papel do professor. Ambas as concepções se fundamentam nos princípios escolanovistas, na medida em que defendem uma relação de amizade e respeito entre docente e aluno. Nesse sentido, o professor, então, precisa ser um sujeito crítico, ativo e cultivar uma relação de proximidade com seus alunos, pois, assim, fará com que estes encontrem cuidado, segurança e encorajamento para construir o conhecimento.

Segundo Nunes (2000, p. 15, grifo da autora), “em síntese, o que Anísio Teixeira defende em tudo o que escreveu é a *educação como um direito de todos*”. Ao assumir essa defesa, o educador assume também o seu posicionamento, mostra que estava ao lado das classes populares. Pelo fato de considerar a educação como um direito de todos, Anísio procurou democratizar o acesso a ela por meio da instrução pública que fosse laica, gratuita, inclusiva e de qualidade.

Durante sua trajetória na área educacional, Anísio Teixeira colocou em evidência várias dimensões da educação, enfatizou a importância de cada uma e trabalhou arduamente para dotá-las de sentido (NUNES, 2000).

Anísio, então, pontuou tudo o que considerava necessário para a implementação de uma educação de qualidade e acessível a todos. Sua carreira como educador foi dedicada a reformar a educação no país, com foco principalmente na organização de uma escola pública com espaço e ensino de qualidade. Nunes (2000) fala de duas reformas realizadas por Anísio Teixeira na educação: a primeira, na instrução pública da Bahia, no período em que atuou como Diretor Geral de Instrução (1924-1929); e a segunda, na instrução pública do antigo Distrito Federal, a partir de 1931, quando assumiu o mesmo cargo que exerceu no estado baiano. Segundo Teixeira (1958, p. 26),

a grande reforma da educação é, assim, uma reforma política, permanentemente descentralizante, pela qual se criem nos municípios os órgãos próprios para gerir os fundos municipais de educação e os seus modestos mas vigorosos, no sentido de implantação local, sistemas educacionais.

Desse modo, essas reformas propostas e implementadas por Teixeira (1958) consistiam na transformação da educação, o que incluía a democratização do acesso a ela, a melhoria do sistema público de ensino, a imposição de uma gestão escolar, a formação de professores, o planejamento educacional, a descentralização do sistema educacional, entre outros aspectos fundamentais para o bom funcionamento da educação pública.

### Considerações finais

A investigação teve como escopo mapear as ideias de Anísio Teixeira sobre educação e cultura em jornais do Alto Sertão da Bahia, na primeira metade do século XX, e perceber os desdobramentos do pensamento anisiano, no sentido de apreender como essas ideias reverberaram na imprensa local. Entre as várias constatações do estudo, destacamos que o editor do jornal *A Penna* acompanhou algumas fases da trajetória formativa e profissional de Teixeira e noticiou, inicialmente, sua participação, desempenho e destaque como aluno nas

atividades pedagógicas do Colégio Jesuíta em Caetité; posteriormente, anunciou sua inserção na política como instrutor da educação pública no estado; e, também, publicou escritos sobre a educação que eram carregados das concepções educacionais anisianas. Teixeira não se formou educador, mas constituiu-se um durante a atuação no campo educacional; rompeu laços com antigas instituições e construiu novas; fundamentou-se na visão científica e pragmática, sem desconsiderar as artes e a estética dos espaços físicos.

Este estudo oportunizou, sobretudo, evidenciar ações pouco conhecidas que foram realizadas por Anísio Teixeira na atuação profissional em prol da educação na região do Alto Sertão da Bahia, como, por exemplo, a reabertura da Escola Normal de Caetité em 1926, além de algumas de suas ideias educacionais, principalmente sobre a educação das crianças.

De acordo com a reforma educacional proposta por Teixeira, ficou evidente que o público infantil era uma das preocupações do educador, que, ao longo da carreira, voltou a atenção para as crianças pertencentes às classes populares. O foco nesses segmentos impulsionou-o a pensar na criação de um sistema público de ensino que democratizasse o acesso à escola. No entanto, o educador não queria apenas aumentar o número de matrículas, mas promover, especialmente, uma educação de qualidade, na qual se buscava garantir a permanência dos alunos na escola.

Encontramos, também, no jornal *A Penna*, comentários relevantes que podem ser vistos como orientações pedagógicas destinadas aos professores acerca da postura “ideal” que o educador deveria assumir e o seu papel no processo de aprendizagem dos alunos. Essas falas apresentam uma notável relação com o pensamento de Anísio Teixeira, que defendia a criticidade dos professores e desejava que estes compreendessem a influência que seus ensinamentos e posturas exercem sobre aqueles que estão na condição de educandos. Considerando a presença dessas concepções no *A Penna*, afirmamos que os ideais anisianos foram difundidos e repercutiram na região, ao menos para uma parcela da população, por meio da implantação de uma escola destinada ao público infantil.

Nesse sentido, o trabalho contribui de modo significativo para suprir algumas lacunas no que se refere à repercussão das ideias anisianas no Alto Sertão da Bahia. Evidenciando que o



jornal *A Penna* atuou como canal de divulgação do pensamento filosófico de Teixeira, a pesquisa busca configurar-se como um dos meios que permitem ampliar a compreensão da história da educação na região, na Bahia e no Brasil.

### Referências

AGUIAR, L. A. *“Agora um pouco da política sertaneja”*: trajetória da família Teixeira no alto sertão da Bahia (Caetité–1885–1924). 201. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2011. Disponível em: [https://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/AGUIAR\\_AGORA-UM-POUCO-DE-POL%C3%8DTICA-SERTANEJA\\_TRAJETORIA-DA-FAMILIA-TEIXEIRA.pdf](https://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/AGUIAR_AGORA-UM-POUCO-DE-POL%C3%8DTICA-SERTANEJA_TRAJETORIA-DA-FAMILIA-TEIXEIRA.pdf) Acesso em: 19 jan. 2023.

BOURDIEU, P. *Os herdeiros*: os estudantes e a cultura. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CARNEIRO, G. A. P. *De pennas vacillantes em mãos infantis à produção do jornal O Bem-ti-vi*: culturas do escrito e crianças de elite em Caetité, BA (1899-1914). 2021. 269 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/37451> Acesso em: 18 jan. 2023.

CHARTIER, R. *Cultura escrita, literatura e história*: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

FERNANDES, F.; REIS, J. M. O teatro como modo de educação e participação nas culturas do escrito em Caetité-Bahia, no início do século XX. *Revista Cocar*, Belém, v. 15, n. 31, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3774> Acesso em: 19 jan. 2023.

FERREIRA NETO, C. A. *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

GALVÃO, A. M. de O. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

GALVÃO, A. M. de O.; SOUZA, M. J. F.; MELO, J. F. de; RESENDE, P. C. de (org.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GUMES, J. A. S. 2 de julho. 1823 1923. *A Penna*, Caetité, p. 1, 2 jul. 1923.

GUMES, J. A. S. Brilhante comemoração de 7 de setembro. As festas na E. Normal. Os escoteiros de Caculé e de Caetité. *A Penna*, Caetité, p. 1, 20 set. 1928a.

GUMES, J. A. S. Comentários. *A Penna*, Caetité, p. 4, 22 nov. 1928b.

GUMES, J. A. S. Dr Anísio Spinola Teixeira. Director Geral da Instrução. *A Penna*, Caetité, p. 1, 6 set. 1928c.

GUMES, J. A. S. Escola Normal já tem professora de música. *A Penna*, Caetité, p. 2, 10 mar. 1928d.

GUMES, J. A. S. Instituto S. Luiz. Resultado dos exames férias. *A Penna*, Caetité, p. 7, 5 dez. 1913.

GUMES, J. A. S. Instituto S. Luiz Gonzaga. Solemne premiação. *A Penna*, Caetité, p. 1, 23 mai. 1914.

JOHN DEWEY. In: eBiografia. *7Graus*. 2023. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/john\\_dewey/](https://www.ebiografia.com/john_dewey/) Acesso em: 8 jul. 2021.

MILAGRES, P.; SILVA, C. F. da; KOWALSKY, M. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 160-176, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p160> Acesso em: 19 jan. 2023.

NAGLE, J. *Educação e sociedade na primeira República*. São Paulo: E.P.U., 1974.

NUNES, C. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. *Educação e Sociedade*, v. 21, n. 73, dez. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000400002> Acesso em: 19 jan. 2023.

ORIÁ, R. Construindo o Panteão dos Heróis Nacionais: monumentos à República, rituais cívicos e o ensino de História. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 6, p. 43-66, 2014. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/137/106> Acesso em: 8 de jul. de 2021.

PALLARES-BURKE, M. L. G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 104, p. 144-161, jul./out. 1998. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/723> Acesso em: 9 jul. 2021.

REIS, J. P. M. *Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito: O caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928)*. 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8CLLBM> Acesso em: 10 set. 2021.

ROMANELLI, O. de O. *História da Educação no Brasil (1930-1937)*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, H. L. *Caetité: pequenina e ilustre*. 2. ed. Brumado: Tribuna do Sertão, 1997.

SANTOS, P. H. D. *Léguas tirana: sociedade e economia no alto sertão da Bahia*. 2014. 334 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06012015-184410/pt-br.php> Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVEIRA, D. Discurso da professora Dalcy Silveira em homenagem ao Diretor da Escola Normal, Edgard Pitanguera. *A Penna*, Caetité, p. 4, 22 nov. 1928.

SPAGNA, E. de O.; SILVA, V. da C. O processo de escolarização do Distrito Federal na década de 1960: o que dizem os jornais. In: SILVA, F. T.; VILLAR, J. L.; BORGES, L. F. (org.). *História e Historiografia da Educação Brasileira: teorias e metodologias de pesquisa*. Curitiba: Appris, 2020.

TAVARES, L. H. D. *A independência do Brasil na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

TEIXEIRA, A. S. A educação que nos convém. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 54, p. 16-33, abr./jun. 1954. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livro8/educacaoquenosconvem.html> Acesso em: 8 jul. 2021.

TEIXEIRA, A. S. A formação da nacionalidade. *A Penna*, Caetité, p. 1, 2 jul. 1923.

TEIXEIRA, A. S. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 73, p. 78-84, jan./mar. 1959. Disponível em: [www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm](http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm) Acesso em: 16 jul. 2021.

TEIXEIRA, A. S. *Educação não é privilégio*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. Publicação original em 1957.

TEIXEIRA, A. S. Educação - problema da formação nacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 70, p. 21-32, abr./jun. 1958. Disponível em: [www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/educacao.html](http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/educacao.html) Acesso em: 10 jul. 2021.

TEIXEIRA, A. S. Villa-Lobos nas escolas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 84, p. 186-187, out./dez. 1961. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/vilalobos.html> Acesso em: 17 jul. 2021.

TEIXEIRA, B. C. M.; SOUSA, M. A. S. de. História, memória, educação e sertões no jornal *A Penna* (Bahia, 1897-1930). *Revista de Letras, Vitória da Conquista*, v. 10, n. 1, p. 519-534, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3683/3420> Acesso em: 10 jul. 2021.

VIDAL, D. G. Escola Nova e Processo Educativo. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (org.). *500 Anos de Educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Recebido em fevereiro 2022.  
Aprovado em fevereiro 2023.